

3ª PARTE

POESIA

Canção dos Tempos Maduros

Para Francisco Carvalho

Dimas Carvalho²⁰

o crepitar das colheitas,
as ondas das florações,
o aurorar das desfeitas,
perdidas desilusões,
nascem no sopro fremente
do mesmo vento e vulcão,
do mesmo fruto e semente
que há no sim e no não

cavalguei tiranossauros
nos campos da pré-história
os gritos dos dinossauros
navegam pela memória;
da tumba dos ancestrais
fiz estandarte e padrão,
para que o sempre jamais
queimasse em meu coração

fui general e soldado,
pastor de campo e sigilo,
cumprindo o fado traçado
no Mississipi e no Nilo;
lutei, de Delfos no templo,
batalhas contra os titãs;
a espada espadana o tempo,
fecundando os amanhãs
na cidade de cem portas,

cem amores semeiei;
nas sujas vielas tortas
de Babilônia, fui rei;
o tempo, corcel feroso
de rubra clina flamante,
num tropel estrepitoso
conduz-me à era distante

no cavalo de Netuno
oceanos percorri,
buscando talvez o rumo
que no Eterno perdi;
buscando talvez o Norte
que com o Sul confundi;
buscando, quem sabe, a morte,
eu, que há muito morri

fosforescente caminho
de mar e de solidão,
de pedra e de puro linho,
de calma meditação;
da certeza e do porém,
do vinho e mitologia,
de todo mundo e ninguém,
do amanhã que se adia

face multifacetada,
desencanto vitalício,
mistura de tudo e nada,
moeda de amor e vício;
estrada sem horizonte,
de brumas indefiníveis;
no rio que não tem pontes
soluçam sons inaudíveis

tempo de espera e de agora,
sinfonia sideral;
na correnteza da hora
cintila o vento geral;
canção que vai e que vem,
vencendo a pedra e o muro;
marulham na fonte, além,
águas dúbias do futuro

21 Professor da UVA – Universidade do Vale do Acaraú e membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras